

O trabalho da memória e a educação pelos desenhos e seriados televisivos

RENATA SIEIRO FERNANDES¹

MARGARETH BRANDINI PARK²

Resumo

O artigo apresenta resultados parciais de pesquisa com base nas memórias de quatro gerações de homens e mulheres que nasceram nos anos de 1950, 1960, 1970 e 1980 e que cresceram em ambientes urbanos e rurais. Foram enviados questionários com perguntas abertas, por e-mail, para uma rede de sujeitos conhecidos e indicados. Os dados extraídos das memórias narradas pelos sujeitos permitem discutir processos de educação por meio de consumo de desenhos animados e seriados televisivos, levando-se em conta o papel de telespectadores ativos e de produtores de cultura, assim como permitem perceber as influências televisivas nos repertórios de brincadeiras e devaneios. Embora o aparelho de tevê fosse uma constante, especialmente, na vida doméstica das gerações dos anos de 1970 e 1980, ela sempre foi preterida em razão de momentos lúdicos de brincadeira com sujeitos de mesma idade ou de outros grupos de idade. Tenta-se mostrar, por meio de referencial teórico e depoimentos de sujeitos de diferentes gerações, como os sujeitos se educam (aprendem e ensinam), em especial, por meio de um veículo de comunicação, de modos ativos e imaginativos, sem opressão ou sujeitamento ao que é pensado e elaborado pelos produtores dos desenhos animados e dos seriados de tevê.

Palavras-chave: Televisão. Memórias. Educação. Relações dialógicas.

Abstract

This article presents the partial search results based on the memories of four generations of men and women who were born in the 50s, 60s, 70s and 80s and who grew up in urban and rural environments. Questionnaires were sent with open questions,

by e-mail, to a network of known and indicated subjects. The data extracted from the memoirs narrated by the subjects allow discuss education processes through use of cartoons and television series taking into account the role of active viewers and producers of culture. Allow you to show the television influences, the repertoire of games and daydreams, and although the television set was a constant especially in the domestic lives of generations of the 70s and 80s, it has always been deprecated due to playful moments of play on subjects of the same age or other age groups. We try to show, through theoretical and subject testimonials from different generations, as the subjects are educated (learn and teach), in particular by means of a communication vehicle, asset and imaginative ways, without oppression to what it is planned and executed by the producers of cartoon and TV series.

Keywords: Television. Memory. Education. Dialogical relationship.

Resumen

El artículo presenta los resultados de la investigación sobre la base de cuatro generaciones de memorias y las mujeres de los hombres que nacieron en los años 50, 60, 70 y 80 y que creció en los entornos urbanos y rurales. Se enviaron cuestionarios con preguntas abiertas, por correo electrónico, a una red conocida y temas indicados. Los datos extraídos de las memorias narradas por los sujetos permiten analizar los procesos de educación a través del uso de dibujos animados y series de televisión, teniendo en cuenta el papel de los espectadores y productores de cultura activa. Permitir a darse cuenta de la televisión influye en el repertorio de chistes y fantasías y aunque el aparato de televisión fueron una constante en especial en la vida doméstica de las generaciones de los años 70 y 80, siempre fue pasado por alto debido a los momentos lúdicos de juego en los sujetos de la misma edad u otros grupos de edad. Tratamos de mostrar, a través de testimonios teóricos y sujetos de diferentes generaciones, ya que los sujetos son educados (aprender y enseñar), en particular por medio de un vehículo de comunicación, de activos y formas imaginativas, sin opresión o lo sujetamente se ha previsto y ejecutado por los productores de la serie de dibujos animados y series de la Tele.

Palabras clave: Televisión. Memoria. Educación. Relaciones dialógicas.

Introdução

Como diz Brandão (2007), “ninguém escapa da educação”, na medida em que ela acontece em todos os lugares e tempos, de forma intencional ou não, sistematizada ou não, de modo informal ou formal, nas relações sociais, mediatizadas por pessoas e pela mídia, por seus conteúdos e narrativas disponibilizados.

Esse processo de educação, que é sempre social e cultural, pode se dar de forma massificadora ou de forma criadora. Tenta-se mostrar aqui, por meio de referencial teórico e depoimentos de sujeitos de diferentes gerações, como os sujeitos se educam (aprendem e ensinam), em especial, por meio de um veículo de comunicação, de modos ativos e imaginativos, sem opressão ou sujeitamento ao que é pensado e elaborado pelos produtores dos desenhos animados e dos seriados de tevê.

Segundo Brandão (2007, p. 103), “[...] assim como a vida é maior que a forma, a educação é maior que o controle formal sobre a educação”. Como ele, pode-se pensar a educação que é sistema e ordem, mas que também é movimento e contestação.

Sendo assim, o tema deste artigo são as apropriações de repertórios televisivos, a partir de desenhos animados e seriados, para os públicos telespectadores infantis e juvenis. A problemática refere-se aos modos de reelaboração ou ressignificação desses repertórios que tomam novas configurações ou reproduzem-se em brincadeiras e situações de devaneios para cada um dos públicos.

Fundamentado na literatura bibliográfica, tomou-se como hipótese que os telespectadores não são sujeitos passivos na relação com a mídia e com os repertórios veiculados, mas que agem ativamente sobre ele e, portanto, criam, compõem e reconstróem as produções culturais.

Usando-se os portais SciELO e IBICT para levantamento de produções acadêmicas que tratem do tema da televisão na educação, assim como esses dois descritores com dupla entrada, além, ainda, da televisão e memória, encontram-se poucos trabalhos que vão na linha deste artigo, a saber: a relação com a memória de adultos sobre a infância e o contexto não escolar.

Grande parte do que se encontra trata da cultura lúdica em contexto escolar, da alfabetização pelo olhar, do uso da televisão para ensino-aprendizagem, com aulas para supletivo, ou como local de divulgação científica, como a *Tevê Universitária*, a televisão digital e suas possibilidades e os usos pedagógicos de conteúdos televisivos para os diversos níveis de ensino.

Três produções acadêmicas podem ser citadas por se aproximarem, mas tangencialmente, do foco deste artigo. Uma delas, o Trabalho de Conclusão de Curso de Chaves (2014), trata da influência das tecnologias nas brincadeiras infantis e enfoca no ambiente escolar. Outra é a dissertação de Soler (2015), que trata das referências televisivas presentes em conver-

sas, brincadeiras, práticas e mediações pedagógicas de crianças pequenas, mas no contexto escolar e mediadas pelo professor. A terceira é a tese de Rocha (2005), sobre as relações entre crianças, televisão e dois animes (Pokémon e Dragonball Z), enfocando no discurso televisivo presente nas vozes das crianças em contexto escolar.

Um artigo também vale a pena ser mencionado, apesar de tangenciar, assim como os demais. Nele, Duarte, Leite e Migliora (2006) tratam de analisar as relações que as crianças estabelecem com o que veem na televisão e como elas lidam com os conteúdos veiculados. Os dados não foram construídos no ambiente escolar, mas por meio de envio de cartas, desenhos ou mensagens eletrônicas para o grupo de pesquisa. Por fim, o artigo que trata da televisão em associação com a memória é de autoria de Almeida (2004), entretanto o foco da argumentação do autor é como o estúdio de televisão fabrica as imagens, produzindo e reproduzindo a memória. O livro de Mattos (2010) trata da construção da história da televisão no Brasil por meio de uma recuperação histórica, com foco nos estudos acadêmicos sobre essa mídia.

Especialmente, algo que enfoque na memória de adultos sobre as relações com a televisão e seus conteúdos no período da infância não foi encontrado. Autores que tratam de estudos teóricos sobre a infância e os modos de se assistir televisão, adiante apresentados, servem como referenciais de ancoragem.

As pistas e os indícios para as interpretações foram oferecidas por meio de narrativas de adultos que, ao fazerem uso do trabalho da memória (BOSI, 2003), trazem à tona lembranças de infância e juventude, histórias ressignificadas, oriundas de um cotidiano corriqueiro que gera experiências e partilhas em constante transformação, ganhando dimensão social e testemunhos de tempos coletivos.

O trabalho da memória, para a autora, traduz-se por ações da rememoração e do pensamento, ligadas aos afetos e aos repertórios sociais e individuais atuais, sobre as experiências do passado vivido. Não se trata de reviver ou de resgatar o passado como ele possa ter existido (até porque isso não é alcançável, mas está, de certa forma, perdido), mas de esforços de reconstrução desse passado a partir de atuais possibilidades.

As narrativas foram produzidas a partir das memórias de quatro gerações de homens e mulheres que nasceram nos anos de 1950, 1960, 1970 e 1980 e que cresceram em ambientes urbanos e rurais.

Pedir aos adultos que, por meio do uso da memória, contem ou narrem suas lembranças, principalmente, de infância não é pedir para reviverem esse período, mas significa “um trabalho de pensar, refletir sobre o seu significado hoje e no passado” (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 41). Rememorar não significa reviver fatos acontecidos, mas evocar fatos e situações que adquiriram significado particular e que contribuem para a construção e o entendimento da história; é “rememorar fatos esquecidos, guardados na memória e que podem ter um significado para o momento atual” (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 33).

Metodologicamente, essas memórias foram acessadas por meio de perguntas constantes de um questionário aberto que foi enviado aos sujeitos via e-mail. A partir dos dados de suas narrativas, buscaram-se perceber as influências dos conteúdos televisivos nos repertórios de brincadeiras e devaneios, bem como se a hipótese pôde ser validada, ou seja, mostrando que e como os telespectadores não assistem tevê passivamente reelaborando os significados veiculados, mas sendo, portanto, produtores de cultura. Essas informações deram suporte para as hipóteses de que as crianças se valem de reconstruções de significados dos repertórios de desenhos animados em suas ações lúdicas de brincadeira de faz de conta e que os jovens passam a preferir os seriados de televisão e usam, recriam, aproveitam e reiventam esses repertórios em situações imaginárias de devaneios e, eventualmente, de brincadeira também.

Os objetivos foram, portanto, coletar e analisar as memórias televisivas de homens e mulheres das quatro gerações já citadas, relacionadas aos desenhos animados e seriados, programas televisivos da cultura midiática e buscar indícios de reelaboração e ressignificação de conteúdos televisivos em situações lúdicas e imaginárias, como brincadeiras e devaneios, a partir de narrativas de adultos sobre o passado.

Estruturalmente, o artigo se divide em três partes. Na primeira, há uma contextualização sobre o surgimento da televisão e os usos feitos dessa mídia, com seus recursos e conteúdos, pelos sujeitos telespectadores. São apresentados os autores que fundamentam a argumentação sobre os usos ativos das produções culturais televisivas por crianças e jovens. Na segunda parte, são apresentados e descritos tanto a metodologia como os dados coletados. Na terceira parte, os dados são analisados a partir das categorias elencadas e em cotejamento com o referencial teórico inicialmente apresentado e com argumentações sobre aspectos do funcionamento do ato de rememorar.

Desenvolvimento

Em um panorama sobre o aparecimento e a presença da televisão no cotidiano das famílias brasileiras, especialmente vivendo em ambientes e centros urbanos, percebe-se a presença maciça desse aparelho mediando as relações pessoais e fornecendo repertórios variados de informação e formação.

O surgimento da tevê remonta a 1939, nos Estados Unidos, como marco oficial. A televisão surgiu no Brasil em 1950, pelas mãos de Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, de cadeias de jornais e emissoras de rádio. A presença da televisão no meio doméstico expandiu-se em pouco tempo e teve crescimento vertiginoso, ao lado do aumento dos canais de emissão.

Em 1957, já houve transmissão sistemática de programas para o interior do Estado de São Paulo. Em 1963, chegaram ao Brasil os primeiros aparelhos de tevê em cores, importados dos Estados Unidos. A primeira transmissão oficial em cores aconteceu no Brasil em 1972.

O número de televisores nos domicílios – em preto e branco (que foi decaindo) e colorido (que foi crescendo) – foi, ao longo do tempo, exponencialmente aumentando desde 1950, com 200 televisores entre São Paulo e Rio de Janeiro, tendo picos de compra nos anos de 1970, sendo 4 milhões devido à Copa do Mundo no México, até contabilizar, do total de 65,1 milhões de domicílios em 2013, 63,3 milhões (97,2%) com televisão, segundo a PNAD (IBGE, 2015).

Em 2014, o Brasil sediou a Copa do Mundo, e, em virtude disso, como aconteceu em outros momentos semelhantes, houve um boom pela compra de aparelhos televisivos. Segundo dados do IBGE (SOARES, 2014, s/p):

[...] mostram que a fabricação de televisores teve um ‘boom’ no primeiro trimestre deste ano, repetindo uma tendência de expansão em anos de Copa do Mundo. De janeiro a março, a produção de eletrodomésticos da linha marrom, categoria cujo principal produto é a TV, cresceu 51,5% na comparação com o mesmo período de 2013. Em março, a expansão foi de 42,2%.

Esses dados mostram a importância e a grande presença desse veículo midiático no interior da vida familiar. Os impactos são sentidos pela grande oferta de programas televisivos para todas as idades de telespectadores, especialmente localizados nos meios urbanos das regiões Sul e Sudeste, no início, e generalizando-se, posteriormente.

Oferecendo uma grade, inicialmente, fechada para seus telespectadores, estes passam a ter acesso a uma profusão e variedade de programas destinados a diferentes públicos: novelas, noticiários, filmes, seriados, desenhos animados, programas de auditório, exibição de festivais de música etc. Dessa forma, muitas pessoas tiveram acesso, no mesmo momento, ao mesmo tipo de programação, e, por meio de reprises constantes veiculadas ao longo dos anos, diferentes gerações consumiram os mesmos produtos.

Pelo menos duas situações introduzidas pela tecnologia vão criar alguma diferença nas formas de assistir televisão: a presença e uso do controle remoto, que permite zapear pelos canais, vendo-se partes e recortes de diferentes programas, recombinando-os de acordo com os interesses particulares; e a introdução da televisão a cabo com uma programação aberta, porém paga à parte, que ampliará o leque de opções de programas para as famílias e indivíduos.

No primeiro caso, cada indivíduo pode montar seu próprio programa em uma estrutura que não obedece à usual baseada em início, meio e fim, mas seguindo uma lógica fragmentar. No segundo caso, ao lado da ampliação do leque de opções à disposição, sob uma perspectiva horizontal, há a possibilidade de especializações temáticas focalizando, por exemplo, o universo dos esportes, do reino animal, filmicos etc., sob uma perspectiva vertical, de aprofundamento.

Para este artigo, o interesse centra-se em dois tipos de programação: os desenhos animados, elaborados previamente para um público infantil, porém consumido por diferentes idades, especialmente pelas crianças; e os seriados, elaborados para públicos etários variados, sendo consumido especialmente por adultos, mas também por jovens recém-saídos da infância, o que mostra, pelo lado destes, uma busca por variação nos repertórios e nas formas apresentadas dos programas.

Assistir televisão, por ser um meio privilegiado de contar histórias que chegam diretamente nas casas, é parte integrante da vida social de muitas famílias e, especialmente, das crianças e dos jovens.

Leitão (2008), Jones (2006), Brougère (2004), Steinberg e Kincheloe (2001) e Machado Pais (1993) afirmam que assistir televisão não é um ato ou não supõe uma postura passiva; pelo contrário, seus públicos – e pensando especialmente nas crianças e jovens – são interpretantes e críticos de sua forma e conteúdo e, a partir da reação emocional provocada neles, operam papéis de consumidor e de produtor de cultura.

Como os sentidos não são evidentes, necessitam de processos de codificação e interpretação, pois são produtos e resultados de circuitos de comunicação (do produtor, do criador, do veiculador, do anunciador, do aparelho, do público). Para esses autores, os sujeitos são transgressores e escapam ou criam linhas de fuga ao que é instituído e das tentativas de captura total pelo pensamento e discurso homogeneizante, que se pretende hegemônico.

Para Leitão (2008, p. 55), ser telespectador é uma forma de construir as identidades e o sentimento de pertencimento a uma “comunidade televisiva e interpretativa”:

A televisão não é vista como uma actividade anti-social, pelo contrário, é equacionada como uma actividade primária de socialização devido ao envolvimento discursivo proporcionado pelo acto de ver televisão. Segundo Buckingham, falar sobre a programação televisiva é parte integrante da vida social, sendo uma actividade fundamental na definição e construção de interações e da própria identidade social do indivíduo³.

Para Bettelheim (1999 *apud* LEITÃO, 2008, p. 108), “a televisão é um meio ideal para dar largas à fantasia, permitindo viagens constantes e imediatas entre o mundo da fantasia e a vida real”.

O desenho animado é entendido como produto para a infância, e os canais oferecem uma boa dose ou overdose de programas de animação. Muitas vezes, as escolhas de programação das crianças estão condicionadas às escolhas da família. As crianças se relacionam com os desenhos animados e os usam em seus contextos sociais, armazenando pistas audiovisuais na memória e as usando para referência futura. Elas reconstróem os sentidos dos textos televisivos de forma não necessariamente coincidente com os significados previstos por seus autores (LEITÃO, 2008).

Diz Brougère (2004, p. 149) que:

Por intermédio da televisão, a criança vê a sua brincadeira ser povoada de novos conteúdos, de novas representações que ela vai manipular, transformar ou manter, apropriar-se a seu modo, com os fenômenos da moda e de envolvimento ritmando a vida dos brinquedos.

Leitão (2008, p. 75) dá duas informações importantes nos modos preferenciais e de escolha dos programas em relação à idade: no período das operações concretas (entre 7 e 11 anos), a televisão é usada como base do brincar social e, à medida que crescem, as crianças (a partir dos 12 anos – período das operações formais, para Piaget) passam a preferir programas mais próximos da realidade, como séries e telenovelas.

Essas informações deram suporte para a hipótese de que as crianças valem-se de reconstruções de significados dos repertórios de desenhos animados em suas ações lúdicas de brincadeira de faz de conta e que os jovens passam a preferir os seriados de televisão e usam, recriam, aproveitam e reiventam esses repertórios em situações imaginárias de devaneios e, eventualmente, de brincadeira também.

Os devaneios podem ser tanto fuga do real como a consciência criativa, que liberta do peso da vida. Para Bachelard (2007), devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste a clareza da consciência, é o ensimesmamento e o enamoramento sonhador para o despertar da sensibilidade. Nas palavras do autor:

De repente uma imagem se instala no centro do nosso ser imaginante. Ela nos retém, nos fixa. Infunde-nos o ser. O cogito é conquistado por um objeto do mundo, um objeto que por si só representa o mundo. O detalhe imaginado é uma ponta aguda que penetra o sonhador suscitando nele uma meditação concreta. Seu ser é a um tempo o ser da imagem e o ser da adesão à imagem que provoca admiração. A imagem nos fornece uma ilustração da nossa admiração (BACHELARD, 2007, p. 147).

Pensando com Brougère (2006, p. 287), seriam as estruturas das brincadeiras que se repetiriam no esquema dos desenhos animados, e não o contrário, o que indica relações de interdependência entre o público infantil que assiste e o que é assistido.

A produção de cultura pela via da mídia televisiva vai se somar às experiências outras que compõem os repertórios das categorias infantis e juvenis, bem como aos papéis femininos e masculinos desejados e desenvolvidos nos grupos sociais, nos momentos de isolamento ou em grupo em frente à tevê e aos devaneios possíveis a partir dela.

Esse “caldo” de repertórios é envolvido em exercícios de criação e fantasia, em que estão envolvidos a imaginação e o imaginário (DURAND, 1998, 2000, 2004; CASTORIADIS, 2000; BACHELARD, 2007) e ajudam a compor os repertórios de identidade e identificação dos sujeitos, pelas características e ações dos personagens protagonistas ou secundários (por projeção), bem como contribui para a formação e a construção do ser feminino e do ser masculino, ou, mais especificamente, do ser menina e do ser menino.

Conhecer como as gerações de homens e mulheres, atualmente adultos, ao lembrarem como interpretam suas experiências televisivas e como fizeram uso desse material e repertório em seus momentos de infância e juventude, permite, inclusive, perceber os modos de reconstrução e ressignificação dos repertórios midiáticos, mostrando a postura de sujeitos ativos, de consumidores e produtores de cultura. Ao lado disso, permite ainda traçar marcas geracionais, identitárias e de pertencimento e perceber como o fazer-se sujeito social não prescinde de influências da tevê, positivas e negativas, bem como a cultura não é simplesmente assimilada, mas reelaborada e ressignificada em processos contínuos e regulares. Parte-se, aqui, do princípio que muitas experiências pessoais e coletivas foram permitidas e descobertas pelas situações ilusórias e de fantasia que aconteciam pelo viés da brincadeira e das projeções simbólicas e que contribuíram para a construção dos papéis femininos e masculinos (LOURO, 1997).

Tendo isso como ancoradouro, pretende-se partir de memórias televisivas relativas às gerações dos anos de 1950 e 1970 e aproximá-las das de gerações imediatamente posteriores a essas, para buscar pistas e indícios de como alguns personagens de tevê influenciaram as pessoas que consumiam essa mídia como público telespectador e como os repertórios foram reaproveitados e transformados, envolvendo processos de consumo e de produção cultural. E, ao se proceder dessa forma, percebe-se como a situação de brincar de faz de conta, os devaneios e as projeções simbólicas pelos quais os sujeitos se fazem passar ao assumir e desenvolver determi-

nado(s) personagem(ns) permitem que se explorem situações não “permitidas” socialmente, mas que participam do processo de constituição de ser criança, de ser jovem, menino ou menina.

Metodologia

Para realizar o pretendido, foram construídos os dados de pesquisa, a partir de memórias provocadas em diferentes sujeitos tomados de um círculo de relacionamento e que possuíam acesso fácil à internet para comunicação e envio de dados.

A pesquisa se qualifica sendo de cunho qualitativo com base em narrativas pessoais, tendo como eixo teórico as discussões de memória, representação, lúdico e brincadeira.

Foi feito, inicialmente, um levantamento de possíveis entrevistados para responder a um questionário a partir de uma rede particular de amigos e conhecidos e, posteriormente, ampliada com indicações de outros pela via dessa rede inicial.

Foram enviados questionários a ser preenchidos e devolvidos por homens e mulheres que nasceram nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, com prazo de 15 dias, ou negociados caso a caso, por meio virtual e eletrônico, sob a forma de e-mails.

A composição de amostragem foi equivalente para as categorias de gênero e de ano de nascimento e foi readequada em razão dos retornos obtidos. A devolução de questionários obtidos chegou próximo dos 50% em relação ao montante enviado.

A partir da tabulação dos conteúdos e dos dados com base em critérios geracionais, de gênero e por cruzamento dessas duas categorias, valendo-se de aproximações e a partir de categorias extraídas do material coletado, foram construídas as análises e interpretações iniciais e finais. Os dados tabulados e analisados que são apresentados aqui neste artigo fazem parte da primeira parte do questionário⁴.

As perguntas referentes a essa primeira parte foram as seguintes: a) você assistia televisão quando criança e jovem (cite o parâmetro usado responder)?; b) você assistia sozinho(a) ou com seus amigos(as)?; c) era comum a junção de crianças e jovens para ver tevê; d) o que pensa sobre tal situação?; e) quais desenhos animados e seriados de tevê você assistia quando era criança e jovem?

Em todos os momentos da pesquisa, as análises e interpretações iniciais e finais se dão por meio de aproximações entre os conteúdos por geração, por gênero e por cruzamento de categoria. Todo o processo envolve a discussão dos resultados com o referencial teórico escolhido.

Apresentação e análise dos dados

De todos os entrevistados, o gênero masculino foi composto de 45,7%, e o gênero feminino, de 54,3%. Dessa amostragem, 10% passaram a infância e juventude no meio urbano e rural, e 3,3%, estritamente no meio rural. A maioria passou tanto a infância quanto a juventude em meio urbano.

Uma lista extensa de desenhos e seriados aparece nas lembranças dos entrevistados, o que implica pensar em iluminação sobre lugares obscurecidos da memória. O que é iluminado torna-se lembrança e o que fica obscurecido refere-se ao esquecimento.

Para Rousso (*apud* AREND; MACEDO, 2009, p. 202), estudar o tempo presente ou a contemporaneidade como marco temporal de pesquisas é estudar:

[...] uma História [...] na qual o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua. A partir de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a compreensão de um passado distante, mas uma compreensão que vem de uma experiência da qual ele participa como todos os outros indivíduos.

Pela etimologia da palavra, contemporâneo indica “ao mesmo tempo”, “o tempo com”. Logo, se refere ao espaço-tempo de proximidade com os sujeitos vivos, e não necessariamente um recorte na periodização do tempo histórico. Portanto, o que é produzido em termos de análises e interpretações é sempre provisório e sujeito a revisões constantes. É fazer no presente sobre o presente.

Como as narrações que os sujeitos da pesquisa produzem ao (re) contar o passado, rememorando os fatos vividos, acontecem nesse período de tempo próximo e como as memórias desse tempo vivido que cada sujeito carrega consigo, portanto, estão fragmentadas e dispersas, ainda

não escritas, essa técnica de coleta de dados entra na pesquisa como a mais adequada para a ocasião e a situação. Nos dizeres de Rousso (*apud* AREND; MACEDO, 2009, p. 205-206), “fazemos uma história do inacabado. Nós assumimos o fato de que as análises que vamos produzir sobre o tempo contemporâneo, provavelmente, terão certa duração e que os acontecimentos vindouros podem mudá-las”. Segundo Karzulovic (2010), a memória é uma capacidade mental humana com a função principal de registrar, armazenar e recuperar informações mais ou menos sistematicamente. Ela se configura como uma capacidade mental que é linguisticamente estruturada, ou seja, tem um caráter linguístico. E a linguagem compartilhada em um meio social ou que se pode compartilhar é um componente necessário e importante de toda prática social.

O processo de recordar é, então, uma forma de argumentação para o outro e para si, ao poder refletir sobre o que se faz, sente, experimenta, pensa.

Nas lembranças dos sujeitos de todas as gerações pesquisadas e de ambos os gêneros, os desenhos mais citados foram Pica-Pau e Pernalonga, possivelmente pelas reprises constantes feitas ao longo dos tempos, tanto nas tevês abertas quanto nas pagas.

Os entrevistados nascidos nos anos de 1970 foram os que mais se lembraram de desenhos e seriados e, isso, possivelmente, tem a ver com o boom de compra de televisores para a Copa do México. Para essa época, a grande novidade foi a introdução e apresentação de uma nova tecnologia generalizada, que criava um sentimento ou uma marca de pertença geracional.

Os desenhos animados mais lembrados foram os seguintes: Barbapapa, Batfino e Karatê, Banzé, Bibó Pai e Bobi Filho, Bom Bom e Mau Mau, Bozo, Caça-Fantasmas, Carangos e Motocas, Cavalo de Fogo, Caverna do Dragão, Cobrinha Azul, Corrida Maluca, Danger Mouse, Dartagnan e os 3 Mosqueteiros, Dom Pixote, Doug, Faísca e Fumaça, Família Chan, Fantomas, Flinstones, Formiga Atômica, Frajola e Piu-Piu, Futurama, Galaxy Rangers, Gasparzinho, Goobber, Grump e a Princesa Aurora, Gulliver, He-Man, Herculóides, Homem-Aranha, Homem-Pássaro, Hong Kong Fu, Impossíveis, Incrível Hulk, Jambo e Ruivão, Jem, Jetsons, Johnny Quest, Josie e as Gatinhas, Ligeirinho, Lippy e Hardy, Luluzinha, Maguila, o Gorila, Manda-Chuva, Menino Robô, Mickey, Mister Magoo, Miu e Mau, Muppets Babies, Muzzarelas, Pantera Cor-de-Rosa, Papa-Léguas, Pateta, Pato Donald, Patolino, Pepe-Legal, Pernalonga, Pica-Pau, Poderoso

Thor, Popeye, Princesa e o Cavaleiro, Punk, Sansão e Golias, Scooby-Doo, Shadow Boy, Shazzam, She-Ra, Silverhawks, Simpsons, Snoopy, Smurfs, Super Amigos, Speed Racer, Space Ghost, Tartarugas Ninja, Tartaruga Touché, Thundercats, Tin Tin, Tom e Jerry, Toro e Pancho, Transformers, Trapalhão, Tutubarão, Ursinhos Carinhosos, Ursinhos Gummy, Urso do Cabelo Duro, Walligator, Wuzzles, X-Men, Xodó da Vovó, Zé Colméia, Zillion.

As grandes produtoras que prevalecem na mostra dos desenhos lembrados são a DePatie-Freleng Enterprises e a Hanna-Barbera, com desenhos produzidos especialmente nos anos de 1960 e exibidos no Brasil pelos canais Globo, SBT, Record, Bandeirantes e a extinta Manchete. O desenho mais antigo é de Tom e Jerry, de 1940.

Como eram desenhos de curta duração, as emissoras exibiam uma sequência deles. Logo, os espectadores eram consumidores de um grande rol de produtos norte-americanos nas tardes televisivas.

Dos programas infantis ou familiares, com apresentadores(as) que apresentavam uma gama ampla de desenhos, além de outras atrações, os mais lembrados foram: Bambalalão, Eliana e Cia, Grande Gincana Kibon, Sessão Zig Zag, Show da Xuxa, Tia Fernanda, Balão Mágico, Castelo Rá-Tim-Bum, Circo do Arrelia, Família Trapo, Globinho, Kung Fu, Mundo de Beakman, Pim-Pam-Pum, Pullmann Junior, Telecath Montilla, Vila Sésamo.

Grande parte desses programas surgiu como iniciativa para o público infantil nos anos de 1950 e eram apresentados por mulheres ou por um casal, que conversavam com o espectador, ao mesmo tempo que veiculava produtos e mercadorias, desenhos e atividades educativas. Eles eram produzidos no Brasil e exibidos nos canais Globo, SBT, Cultura, Manchete, Record e a extinta Tupi.

Dos seriados, os mais lembrados foram: Agente 86, Além da Imaginação, Alf, o Eteimoso, Anos Incríveis, Armação Ilimitada, Banana Split, Baretta, Barnaby Jones, Barrados no Baile, Batman e Robin, Bat Master-son, Bem Caser, Bonanza, Cannon, Capitão Asa, Carga Pesada, Casal 20, Changeman, Chaparral, Chaves, Chapolin, Chips, Chiquititas, Ciborgue, Homem de 6 Milhões de Dólares, Colombo, Comedy Carpers, Confissões de Adolescente, Cyborg, Dallas, Daniel Boone, Doutor Kildare, Elo Perdido, Esquadrão Classe A, Falcão Negro, Família Walton, Feiticeira, Flashman, Flipper, Fúria, A Gata e o Rato, Gatões, Gordo e Magro, Hawaii 5.0, Homem do Fundo do Mar, Homem Invisível, Ilha da Fan-

tasia, Incrível Hulk, James West, Jaspion, Jeannie é um Gênio, Jiban, Jiraya, Jornada nas Estrelas, Kojak, Lassie, Maguiver, Magnum, Manimal, Mary Tyler Moore, Mac Milans, Monkees, Monty Phytton, Mulher Biônica, Mulher Maravilha, Mundo da Lua, National Kid, Panteras, Perdidos no Espaço, Planeta dos Macacos, Poderosa Ísis, Punk, a Levada da Breca, Rin-Tin-Tin, Robô Gigante, Rota 66, Roy Rogers, Sawamu, Seinfeld, Sítio do Picapau Amarelo, Sogras, Spectreman, Starsky and Hutch, Super Dínamo, Superman, Super Máquina, Super Vic, Tarzan, Terra de Gigantes, Tevê Pirata, Topo Giggio, Trapalhões, Três Patetas, Túnel do Tempo, Ultraman, Ultraseven, Viagem ao Centro da Terra, Viagem ao Fundo do Mar, Vigilante Rodoviário, Zorro.

A grande maioria das produções veiculadas pelos canais mencionados era de origem norte-americana, entretanto, nos anos de 1970, a televisão exibia seriados produzidos no Japão, com narrativas de lutas com poderes energéticos e luta entre o bem e o mal vindos de fora do planeta, que planejava destruí-lo, começando por Tóquio. Alguns dos enredos japoneses provinham de mangás e animes, portanto as crianças e jovens também estiveram expostos a uma cosmologia oriental, com suas formas particulares culturais de narrar histórias.

Embora os produtos veiculados se dirigissem à infância, a maior parte dos entrevistados afirma que assistia à televisão com a família, salientando a presença dos irmãos como companhia. Depois, aparece a categoria “assistir à televisão sozinho” e, em terceiro lugar, vem a categoria “assistir com os amigos”, nesse caso com o objetivo de fazer um programa entre os pares, como diz uma entrevistada:

Às vezes acontecia essa junção. Algumas vezes era espontâneo, nos encontrávamos ou estávamos em alguma casa e acabávamos indo ver TEVÊ por qualquer motivo. Em outras ocasiões, marcávamos para assistir. Exemplo: Sessão da Tarde com o filme A Lagoa Azul. Todas na minha casa... e iam umas quatro, cinco amigas (R., 1971).

Nos anos em que os aparelhos de televisão ainda não estavam generalizados – décadas de 1950 e 1960 –, os grupos se reuniam nas casas dos vizinhos que a tinham – os “televizinhos” – para usufruir do bem eletrodoméstico e da programação aberta.

Na fala de um entrevistado: “Durante um período muito pequeno (1965/66) assistia com um amigo na casa dele, na qualidade de ‘televizinho’, pois minha família ainda não possuía tevê” (I., 1959).

Outros entrevistados também apontaram para a circulação das crianças e jovens pelas casas dos vizinhos como lugar de assistir à televisão, pois assistir a programas juntos dava um sentido de união entre as crianças, mesmo que nada fosse discutido sobre o conteúdo dos desenhos e seriados depois:

Assistia junto ou sozinho. Era comum juntar crianças para assistir, pois, quando meu pai adquiriu uma tevê em 1973, mais ou menos, muitas crianças não tinham o aparelho e, por isso, assistiam nas casas dos vizinhos. Era comum também a visita a outras casas, de modo que as crianças circulavam muito nas vizinhanças. Na adolescência, isso diminuiu, pois cada um seguia um caminho diferente, não éramos tão unidos no sentido de assistir programas juntos. Assistir programas juntos era muito legal, pois dava um sentido de união entre nós, crianças, mesmo que nada fosse discutido sobre o conteúdo dos desenhos e seriados depois (D., 1967).

Quando era criança, década de 60, tinha dois vizinhos que possuíam tevê. Uma das famílias fez bancos de madeira e convidavam os vizinhos pra ver *Trapalhões*, *Luta Livre*, com o *Ted Boy Marino*, que era dos *Trapalhões*, e a novela *O Morro dos Ventos Uivantes*. Era uma farra. A outra família que tinha tevê não convidava as pessoas, eu só ia ver algo lá quando uma das filhas queria assistir filmes de terror, com o *Boris Karlof*, e chamava minha mãe, que também gostava, para ir junto. No mais, lembro que assistia pelo buraco da fechadura dessa casa (porta antiga de casas de fazenda) alguns desenhos: *Manda-Chuva*, *Pernalonga*, *Tom e Jerry*. Na juventude, meu pai comprou nossa tevê em 1969... época dos grandes festivais de música... chegada à lua. Uma música da época me marcou, pois ganhamos o disco de presente, ao comprar a tevê, BR3: a gente corre, a gente corre na BR3, a gente morre... do *Tony Tornado*. Lembro-me de assistir os festivais e prestar atenção nas músicas para cantar na calçada com minhas amigas, era uma grande diversão... cantar (M., 1955).

Quando a televisão surgiu não era toda família que podia comprar o aparelho. Então em nossa rua apenas duas fa-

mílias de trabalhadores liberais [mecânicos] é que adquiriram o aparelho. Então as crianças, às vezes acompanhadas das mães, iam às sextas-feiras à noite à casa da dona Rosa, que, por sinal, era mãe de uma das crianças da turma de brincadeiras, para assistir televisão em grupo. Guardo uma sensação muito boa desses encontros semanais, os quais eram aguardados com ansiedade, não apenas pelo fato de assistir a essa novidade, mas também pelo ritual envolvido: encontrar as pessoas, receber um lanche da dona da casa – um desses regalos era um biscoito adocicado cor-de-rosa, de formato anelado, que era vendido a granel nas feiras livres, na barraca de bolachas. Outro detalhe eram os chinelos deixados por todos na porta de entrada. Na sala todos se acomodavam sentados no chão (N., 1951).

Lembro-me de que, quando era pequena, minha mãe me levava junto para assistir a televisão na casa de uma vizinha. Acho mais interessante as coisas feitas em grupo, ficam mais ricas. Hoje, as pessoas vivem muito sozinhas (S., 1964).

Assistia sempre com amigos. Era um dos momentos sociais divididos pela garotada [meninos e meninas]. Era uma situação, naquele momento, interessante. Afinal, éramos de família humilde, e o lazer diante da tevê era o mais barato – embora não tivéssemos essa visão. Assistíamos a produções [desenhos e seriados] simples, baratas, marcadas pela ingenuidade. Por outro lado, não havia instrumentos sedutores como hoje com brinquedos tecnológicos, parques temáticos etc. (A., 1962).

Em geral, assistia com meu irmão ou sozinho. Em grupo, era mais raro conosco. Havia alguns programas que assistíamos toda a família, como alguns filmes, jogos de futebol e, às vezes, jornais. Novela, mais raro. Lembro-me de minha mãe me chamando para assistir filmes de faroeste, em geral, italianos, do Bang-Bang à italiana; a nossa senha era 'Poeiral', ou seja, eram filmes de faroeste. Em minha infância, a tevê já não era artigo tão raro entre os colegas do bairro e meus amigos, em geral de classe média. Mas não havia tanta variedade de programas e canais. Em geral, cada um jantava em sua casa, talvez assistia a alguma coisa e, na hora da novela, íamos para a rua brincar. Lá pelas 9 da noite, entrávamos. Às vezes, com meus pais e irmão, assistíamos a algum filme depois da novela das 8h [que naquele tempo

começava mesmo às 8h]. Penso que, com a popularização dos televisores, quebraram-se ainda mais certas redes comunitárias de lazer e comunicação que funcionavam nos bairros, durante as noites e os finais de semana. No começo da era da tevê, como se sabe, os poucos que tinham aparelhos ligavam-no na garagem ou na frente da casa para compartilhar sua diversão com vizinhos. Era uma continuação do lazer comunitário por outros meios (L., 1971).

Pelas respostas dos entrevistados, o mais comum de se acontecer era assistir à televisão com os familiares. Com amigos e vizinhos, isso ocorria mais pela falta de posse do aparelho por um dos lados, e os encontros aconteciam para se assistir a programas específicos, aqueles que “valiam à pena”.

Um dos entrevistados disse que, “em regra, assistia sozinho. Alguns programas, contudo, valiam a reunião de crianças vizinhas [Speed Racer, Ultraman]. Acho que crianças, quando juntas, devem brincar ao invés de ver tevê” (T., 1970).

Um montante significativo das respostas salienta que, quando as crianças se juntavam, a preferência era dada ao brincar e às brincadeiras, fossem elas de rua ou de quintal. Pelos depoentes, na infância, as crianças se encontravam para brincar, praticar esporte ou fazer trabalhos escolares, que eram mais prazerosos ou interessantes do que o que a televisão veiculava diariamente:

Assistia sozinha, não me lembro de encontrar pessoas para ver tevê. No mínimo estranha para mim essa situação. Na infância, eu encontrava pessoas para fazer outras coisas: brincar, praticar esporte ou fazer trabalho da escola (A., 1977).

Ou sozinha ou com meus irmãos. Com meus amigos não tenho lembrança. Acho que a gente preferia brincar de outras coisas (E., 1976).

Assistia com meus irmãos. Quando encontrava outras crianças, usávamos o tempo para brincar. A tevê não entrava como uma opção para se usar o tempo. Quando jovem também. Não encontrava os amigos para ver tevê, mas sim para conversar, jogar, ouvir música. Acho que aproveitávamos o tempo de estar juntos realmente ficando juntos. Essa situação de estar juntos era saudável, prazerosa (S., 1967).

Sempre assisti televisão sozinho ou com meus irmãos. Quando eu me reunia com amigos, era para brincar, e não para assistir tevê (L., 1981).

Ainda assim, tínhamos muitas atividades de lazer, as crianças, nas ruas. A tevê não tinha tanta coisa assim que atraía as crianças. Em geral, ela me frustrava. As brincadeiras na rua eram mais interessantes (L., 1971).

Assistia sozinho, com a minha irmã, com a empregada, pai, mãe, avós. Amiguinhos... mais para brincar... (A., 1953).

Não me lembro de ter assistido tevê com amigos; quando os encontrava, brincava e/ou conversava (MT., 1953).

Algumas falas dos entrevistados sobre a garantia do tempo das refeições demonstram que muito se mudou na atualidade em relação a tal comportamento, sendo comum, atualmente, que as refeições sejam feitas diante da televisão ou nos intervalos da programação televisiva:

Assistia muito sozinho, com mais dois ou três meninos que moravam perto de casa e também com meu irmão. O tempo normalmente dedicado à televisão era muito menor que o atual, acho que porque era muito mais comum a ocupação do tempo de lazer em brincadeiras de rua. Lembro que uma hora que era comum de parar para assistir televisão era na hora do lanche da tarde (N., 1962).

Com os amigos era raro [assistir tevê]... prevaleciam as brincadeiras de rua. Na adolescência, 10 aos 15, também família ou só, não me lembro de amigos por perto nesses momentos. A partir dos 15, entrou o videocassete (La., 1971).

Era mais comum assistir sem amigos [sozinho ou com irmãos]. Penso que, quando estava com amigos, arrumávamos outras coisas para fazer (ML., 1979).

Eu assistia à programação infantil [programas matinais até as 11h da manhã, e depois programas no final da tarde] em geral com meus irmãos. Chamar amigos para ver televisão não era um hábito... na ausência dos meus irmãos, eu assistia sozinho. Os temas da televisão [heróis etc.] eram, no entanto, tema das brincadeiras que eu tinha com os amigos do

prédio e da escola. Não vejo como tendo sido algo danoso à minha infância... os horários em que estava assistindo televisão em geral eram os horários em que não tínhamos o costume de brincar, pois ou parte da turma estudava naquele período, e, portanto, não estávamos todos juntos, ou estavam fazendo deveres de casa (M., 1979).

Dois entrevistados colocaram que preferiam assistir sozinhos à televisão para poderem prestar mais atenção ao que era mostrado.

A tela da televisão apareceu, na fala de um entrevistado, como suporte para o videogame, capturando crianças e jovens para se reunirem para jogar, fortalecendo ou estimulando interações que acontecem também na rua ou que deixaram de acontecer nela. Para esse entrevistado, a televisão tornou-se uma “companhia” apenas quando não há outras crianças com quem compartilhar:

Normalmente assistia sozinho. A junção com outras crianças em frente à tevê se dava quase na totalidade pelo videogame. Penso que a tevê, como forma passiva de transmissão de informação, torna-se uma ‘companhia’, e por isso como criança não usava dela quando havia companhias reais para partilhar (F., 1981).

Algumas posturas interessantes e diferentes foram elencadas pelos entrevistados ao comentarem sobre os usos dos repertórios dos programas da televisão, que serviam como mote para, por exemplo, o jogo dramático e para brincar de cantar ou de criar uma aventura divertida:

Quando jovem, também estava sempre junto com membros da família e às vezes alguns amigos dos meus irmãos, que eram mais velhos. Também nesses momentos não eram gastos muito tempo, mas achava gostoso, porque sempre depois de terminado o programa, seja um seriado, programa infantil ou musical, partíamos para o ‘jogo dramático’ e brincávamos de cantar ou criar uma aventura divertida (L., 1957).

Também extraíam elementos para compor as cenas inventadas de forma criativa:

Assistia sozinha, com a irmã dois anos mais velha, com primas, com amigas da vizinhança ou ainda com colegas da escola, quando uma ia à casa da outra. Alguns programas em especial... todos paravam para assistir, mas ainda brincávamos bastante sem a necessidade da tevê. Era gostoso: assistíamos juntas, trocando ideias e depois usávamos algumas cenas em nossas brincadeiras ou, quando jovens, eram motivos de conversas sobre nossa realidade... lembro que a novela *Estúpido Cupido*, eu ainda tinha cerca de 10 anos, mas assistia querendo ser jovem como aqueles personagens dos anos 60 (R., 1966).

Ou para transgredir as regras e valores familiares:

Pelo que me lembro, na maior parte das vezes, assistia com a família e com amigas, embora também assistisse sozinha, mas menos frequentemente. O programa do Roberto Carlos, durante muito tempo, assisti escondida na casa de uma vizinha, porque meus pais achavam que era uma influência danosa para a nossa formação. Penso que era uma situação interessante de convivência entre as pessoas (MS., 1959).

Leitão (2008) comenta que, na Europa, muitos lares têm mais de uma televisão para que sejam vistas programações de acordo com o interesse individual. Entretanto, para Pasquier (*apud* LEITÃO, 2008), a preferência é por assistir aos conteúdos televisivos na companhia de outras pessoas e membros da família, inclusive os conteúdos são assuntos de debate e conversa em grupos de amigos. Para Leitão (2008), então, a televisão pode e é socializadora; além disso, ela não é assistida, definitivamente, de forma passiva.

Considerações finais

Os depoimentos e o trabalho da memória dos sujeitos de diferentes gerações permitem que se possa inferir e analisar, muitas vezes na contra-mão do senso comum, que a educação que acontece no meio familiar, provinda das mídias, especialmente dos aparelhos de tevê e seus conteúdos veiculados especialmente para crianças e jovens, pode ser singularizada e não massificadora, na medida em que os telespectadores, ao fazerem uso de processos de criação e criatividade, desenvolvidos na dimensão lúdica

das brincadeiras ou do devaneio, individualmente ou no coletivo, promovem capturas e reconexões, recomposições e ressignificações. Entretanto, em razão da proliferação de repertórios norte-americanos advindos de sua cultura – que é bastante familiar –, houve também uma confluência de repertórios japoneses, com aspectos peculiares de sua cultura, misturando o ocidente com o oriente, de forma não passiva, mas ativa.

Relembrar, aqui, para Bosi (*apud* BRUCK, 2012-2013), não é buscar a verdade do fato, mas o seu aspecto verdadeiro, ao ser significado pelos olhares e escutas da atualidade, dos sujeitos que são e estão aqui, hoje. Como diz a autora (*apud* BRUCK, 2012-2013, p. 198):

[...] a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva. Nós pesquisadores que recolhemos o passado sabemos que ele é um dos mais difíceis e misteriosos dos conceitos. O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente - mas por que se relacionam através de índices de significação comum.

A memória permite o enraizamento (em um tempo, espaço, comunidade, geração) e a construção de processos de identidade (sujeitos massificados ou singularizados, que são capturados ou que criam brechas e rotas de escape e fuga).

Investigar o seu próprio tempo, a contemporaneidade, com depoimentos de sujeitos presentes e vivos é poder ter “[...] a compreensão que vem de uma experiência da qual ele [o historiador] participa como todos os outros indivíduos [...]”, como que todos nós podemos aprender, já que “[...] contemporâneo, significa ‘ao mesmo tempo’, o tempo com” (ROUSO *apud* AREND; MACEDO, 2009, p. 202).

Poder olhar para os processos educativos como experiências de formação é importante, pois ajuda a elucidar como os sujeitos vão se inventando e se criando com aquilo que provém de seus sentidos e que, passando pelo pensamento, torna-se saber e conhecimento produzido a partir do cotidiano e por meio do qual educamo-nos individualmente e no coletivo, na natureza e na cultura.

Recebido em: 7/12/2016
Revisado pelos autores em: 17/03/2017
Aprovado para publicação em: 24/04/2017

Notas

1 Doutora e pós-doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), unidade de Americana. Pesquisadora no campo da Educação Não Formal. E-mail: renata.fernandes@am.unisal.br

2 Doutora em Educação. Escritora no campo da memória e formação de educadores. E-mail: margareth.park@gmail.com

3 Uma pesquisa realizada em 2008 sobre o uso do tempo do público norte-americano (incluindo homens, mulheres, jovens, adultos, velhos, empregados e desempregados, formados no ensino médio, universitário e com pós-graduação e famílias com dois, um ou nenhum filho), publicada no jornal *The New York Times* (COX *et al.*, 2009), mostra que, no geral, tal público passa mais tempo vendo tevê e indo ao cinema ao longo do dia do que se socializando. A socialização é entendida como: conversar com a família, entreter-se com os amigos e frequentar festas. Percebe-se, então, que assistir à televisão não é assumido como processo de socialização, o que não compartilha dos modos de interpretar e analisar dos autores escolhidos para a argumentação deste artigo.

4 Em um próximo passo da pesquisa, serão tabulados e analisados os dados provenientes da segunda parte do questionário. Nesta fase da pesquisa, serão incluídas informações mais específicas sobre os personagens de desenhos animados e de séries de tevê que foram mais lembrados nas narrativas e com os quais os sujeitos tiveram maior identificação a partir de suas características. E, em um terceiro momento, serão tabulados e analisados os dados referentes à terceira parte da pesquisa, na qual o foco de análise se dará sobre a formação do gênero e as experimentações de construção deste a partir de exercícios de brincadeira e de devaneio que os personagens permitiam a seu público.

Referências

ALMEIDA, Milton. O estúdio de televisão e a educação da memória. **Educação e Sociedade**, v. 25, n. 86, p. 269-272, 2004.

AREND, Sílvia; MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. **Tempo e Argumento**, Revista do Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan/jun., 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos. **O que é educação**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

BRUCK, Mozahir Salomão. Entrevista: Ecléa Bosi. **Dispositiva**, Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, PUC-Minas, v. 1, n. 2, p. 196-199, nov./abr. 2012-2013.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição Imaginária da sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2000.

CHAVES, Isabelle. **Tecnologia e infância**: um olhar sobre as brincadeiras das crianças. 2014. 23f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UEM, Maringá, 2014.

COX, Amanda et al. How different groups spend their day. **The New York Times**, 31 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2009/07/31/business/20080801-metrics-graphic.html>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

DUARTE, Rosália; LEITE, Camila; MIGLIORA, Rita. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 497-564, set./dez. 2006.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Portugal: Ed. Instituto Piaget, 1998.

_____. **A imaginação simbólica**. Portugal: Edições 70, 2000.

_____. **O imaginário**. Portugal: Ed. Difel, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Televisão**. IBGE, 30 abr. 2015. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/8311-televisao.html>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

JONES, Gerard. **Brincando de matar monstros**. São Paulo: Ed. Conrad, 2006.

KARZULOVIC, Juan. Algunas cuestiones teóricas relativas a la “memoria” como práctica social, **Revista Alteridad**, Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, n. 8, p. 71-88, mai. 2010.

LEITÃO, Ema Sofia. **Desenhos animados**: discurso sobre ser criança. Portugal: Edições 70, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

MACHADO PAIS, José. **Culturas juvenis**. Portugal: Edição Lisboa/Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2010

ROCHA, Maria Sílvia Pinto de Moura Librandi da. **Crianças, televisão e animés**: intertextos. 2005. 212f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2005.

SILVA, Maria Alice; GARCIA, Maria Alice; FERRARI, Sônia. **Memória e brincadeira na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

SOARES, Pedro. Copa turbina produção de TVs e puxa indústria no trimestre. **Folha de São Paulo**, Caderno Mercado, 7 maio 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/05/1450640-copa-turbina-producao-de-tvs-e-impede-queda-maior-da-industria.shtml>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

SOLER, Simone. **Se chover assistimos TV**: práticas e mediações pedagógicas em relação à televisão na educação infantil. 2015. 337f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, UFSC, Florianópolis, 2015.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **A cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.